

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 1 -

SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO

ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAI

ESTADO DE GOIÁS

Relatório sobre as atividades da Escola Agrícola de Urutai no decorso do ano de 1960.

Sr. Superintendentes:

Em obediéncia à recomendação constante da Circular nº 34, de 12 de outubro de 1955, dessa Superintendência, e animado pelo estímulo da vossa renhida prova de confiança, venho relatar nas páginas seguintes, o resultado dos trabalhos realizados nesta Escola no decurso do ano de 1960.

ENSINO

Cultura Geral

Exame Vestibular

Em obediéncia, ainda, ao disposto nas instruções para matrícula baixadas pela Portaria Ministerial nº 772, de 18 de julho de 1957, esta Escola procedeu, na segunda quinzena do mês de fevereiro do ano a que se refere o presente Relatório, o exame vestibular dos candidatos à matrícula na primeira série do seu Curso de Iniciação Agrícola, cujo resultado foi o seguinte:

Aprovados

1 - Guilherme Ribeiro Guimarães	- 7,7 -
2 - João Eurípedes Aguiar	- 7,2 -
3 - Rui Barbosa de Oliveira	- 8,7 -
4 - Adelmo Domingos Campos	- 6,7 -
5 - Onivaldo de Aguiar	- 7,1 -
6 - Rubens Barbosa de Oliveira	- 8,6 -
7 - Leolino Gomes	- 8,1 -

8 - Almerindo César da Silva	- 7,1 -
9 - Hilton Ribeiro Guimarães	- 7,1 -
10 - Jair Jacinto Vieira	- 8,1 -
11 - João Sárvulo de Aguiar	- 7,1 -
12 - Balsanulfo Martins	- 7,0 -
13 - Divino Gonçalves Moura	- 7,6 -
14 - João Ramos de Oliveira	- 7,6 -
15 - Hildebrando Jacinto Vieira	- 8,0 -
16 - Valdívino Ferreira	- 8,6 -
17 - Ataídes Alves Costa	- 8,6 -
18 - Balvino Luís da Silva	- 7,2 -
19 - João Alves da Silva	- 6,5 -
20 - Divino Eurípedes Gonçalves	- 6,5 -
21 - Antônio Jamuário da Silva	- 5,6 -
22 - Deni Eurípedes Cardoso	- 7,2 -
23 - Mário Jamuário da Silva	- 7,1 -
24 - Deolite Van Rosa	- 8,5 -
25 - Valdívino Martins da Silva	- 8,0 -

Matrícula

Com uma matrícula de 44 alunos, sendo 25 na primeira série e 19 na segunda, ambas do curso de Iniciação Agrícola, iniciou esta Escola, no dia 1º de março, o seu ano letivo de 1960.

Em junho e outubro do aludido ano letivo, a Escola, já com as duas provas parciais concluídas, dentro, assim, da rigoresa observância do art. 37 da Lei Orgânica do Ensino Agrícola e Veterinário em vigor no país.

Diante do resultado animador dessas duas provas parciais, e perfeitamente segura do aproveitamento dos alunos, procedeu, então, esta Escola, na segunda quinzena do mês de dezembro do ano letivo em causa, os exames de suficiência e final dos aludidos educandos.

Cultura Técnica

Ainda continua esta Escola com falta de pessoal, como já foi exposto, em Relatório anterior, da seguinte maneira:

"Não obstante isso, o ensino de cultura técnica a que estãe sujeitos os seus alunos, não ficou inteiramente esquecido durante o ano letivo em causa.

É que o diretor, único técnico da Escola, sempre que possível, reunia os alunos em sala de aula ou em campo de cultura para, mediante plano de trabalho previamente traçado, prestar aos mesmos conhecimentos sobre agricultura, criação de animais domésticos e desenho técnico.

Para o ano letivo, porém, prestes a ter início, a situação estará, certamente, muito melhorada.

É que, por essa ocasião, os alunos já com um grau de instrução mais elevado, e a Escola, por outro lado, com o seu quadro de pessoal aumentado, como tudo faz crer, essa deficiência de ensino será largamente compensada pela melhor compreensão dos alunos e a colaboração de novos professores e técnicos.

Foram estas as palavras do relatório anterior a respeito do assunto.

Agora, decorrido mais um ano de trabalho, a situação continua sendo a mesma, salvo a boa vontade e a competência do Engº Agrº Wagner Ulisses Costa Neto de Souza, fiscal da Carteira Agrícola da Agência do Banco do Brasil S/A, sediada em Ipameri, neste Estado, que tomou o encargo de, como professor horista, lecionar as disciplinas de cultura técnica desta Escola."

A não ser essa deficiência do Ensino Técnico, nenhuma citada, nada mais ocorreu digno de registro no tocante ao resultado do ano letivo desta Escola, que foi o seguinte:

Curso de Iniciação

1ª Série

Aprovados

Guilherme Ribeiro Guimarães

José Eurípedes de Aguiar

Adelmo Domingos Campeche

Onivaldo de Aguiar
Leolino Gomes
Almerindo César da Silva
Hilton Ribeiro Guimarães
Jair Jacinto Vieira
João Sérwulo de Aguiar
Balsanulfo Martins
Divino Gonçalves da Moura
Valdivino Ferreira
Ataídes Alves Costa
Dalvino Luís da Silva
João Alves da Silva
Divino Eurípedes Gonçalves
Antônio Januário da Silva
Deni Eurípedes Cardoso
Mário Januário da Silva
Deolite Vas Rosa
Valdivino Martins da Silva
Não compareceram - 4 -

SEGUNDA SÉRIE

Aprovados
Osvaldo Martins Monteiro
Valdomiro Pereira Martins
Jaime Cardoso das Neves
Eurípedes José
Benedito Adogil Gomes Gonçalves
João Alves de Jesus
João Gonçalves Tunha
Gercino Oliveira
Ivanildes Alves Costa
Delmiro Gonçalves de Castro
José de Paula Jesus
Sebastião Ferreira de Souza

Valdair Pereira Duarte

Não compareceram - 6 -

NÚCLEO AGRÍCOLA

A situação do Núcleo Agrícola desta Escola, continua sem alteração alguma.

Em relatório anterior ficou esclarecido o assunto.

Tal é, porém, a sua importância, que convém repeti-lo.

Na gleba de terra da serra do seu Núcleo Agrícola vem sendo praticada a chamada "pequena agricultura", para atender, de pronto, o consumo diário de tais produtos.

Na gleba denominada "Pedra Branca", distante de sua sede 4 quilometros, é feita, entô, a cultura de maior vulto, como milho, arroz e feijão, para supri-la de gêneros alimentícios e de farragem.

Tanto no primeiro como no segundo caso, ainda não foi possível atingir o volume de produtividade desejada.

Três fatores estão concorrendo para o retardamento deseja tão almejado objetivo.

O primeiro, talvez mais importante e de maior urgência, é o fator humano, pois a Escola só dispõe de 11 trabalhadores para atender todo o seu serviço de rotina.

O segundo, também importante, é o fator material, pois o preparo do terreno para cultura está sendo feito por tração animal, na falta de um trator.

E o terceiro, finalmente, é o fator transporte, pois todo esse serviço é feito por uma caminhonete, na falta de um caminhão.

Não obstante isso, pequena produção, alguma coisa de útil já se faz, levando em linha de conta o ensino visado por esta Escola.

Preparou, como já afirmei em relatório anterior, solução adequada para o dia de amanhã.

Também nada tem o presente Relatório para acrescentar se que ficou registrado linhas atrás, de vez que nenhum dos fatores negativos, ali indicados, teve, até agora, a solução almejada.

O anexo nº 1 esclarece melhor o assunto.

NÚCLEO ZOOTÉCNICO

O Núcleo Zootécnico desta Escola, ano por ano, vem sendo acrescido de animais de várias espécies e raças.

Assim é que, de 68 animais recebidos em 1955 da extinta Fazenda Modelo de Criação de Uratá, quando da sua passagem para esta educandário, passou em 1956 para 102, em 1957 para 114, em 1958 para 145, em 1959 para 218 e, finalmente, em 1960, elevado para 270 cabeças.

Um número tão pequeno desses animais, de espécies e raças diferentes, já estava se tornando imutável aos trabalhos, reprodução e serviço de padreação da Escola.

Para solucionar todos esses casos, esta Escola solicitou da Divisão do Material, através dessa Superintendência, a necessária autorização para proceder a venda em concorrência ou hasta pública dos animais incluídos no numero acima citado.

A solicitação foi atendida, e a venda se processou normalmente no dia 6 de abril do ano findo, e a sua renda foi recebida à Caletoria Federal mais próxima da sede desta Escola, como determina o Código de Contabilidade Pública.

Quanto aos produtores bovinos, da raça Guernsey, excedentes ao serviço de padreação desta Escola, em numero de 9, cuja venda também foi autorizada, ficou estabelecido, em edital publicado na imprensa que os mesmos só poderiam ser adquiridos por criadores registrados no Ministério da Agricultura.

Tal providência beneficiou, grandemente, esta Escola e o melhoramento do gado leiteiro desta região do Estado de Goiás.

No primeiro caso, evitando despesas imóveis com a manutenção desses reprodutores nas dependências desta Escola, de vez que eram desnecessário o seu serviço de padroeira.

No segundo caso, este com visão mais larga, prestando, sob o ponto de vista Zootécnico, uma oportunidade para criador gaúcho melhorar, através de cruzamentos, o seu gado leiteiro.

E assim, com 6 trabalhadores de um quadro de 11 servidores, apenas, vem o Núcleo Zootécnico desta Escola cuidando e aprimorando o seu plantel de gado leiteiro.

Sem prejuízo desse grande encargo, zelar pela conservação de 270 cabeças de animais, ainda procedeu os seguintes trabalhos:

- a) Reparações em 6 quilometros de cerca de arame farpado destruídas pelas "queimadas" de fazendeiros vizinhos, na época de estiagem.
- b) Limpeza de 80 hectares de pasto em terreno junto a sede da Escola.
- c) Serviço de marcação e registro de animais.
- d) Seleção e assistência Veterinária.
- e) Termos de baixa de animais.
- f) Controle leiteiro.

Também atendou o Núcleo Zootécnico desta Escola, 28 fazendeiros registrados no Ministério da Agricultura, vivamente interessados na criação de suínos.

O mesmo sucedendo com os criadores de aves da região que, visitando esta Escola, foram atendidas nas suas pretensões avicolas.

Os anexos da n^os 2 - 3 e 4 esclarecem melhor o assunto.

NÚCLEO INDUSTRIAL

Ainda não foi possível concluir a instalação do Núcleo Industrial desta Escola.

Mais fatores estão concorrendo para o retardamento desse iniciativa tão necessária à eficiência do preparo profissional dos seus alunos.

O primeiro é a falta de pessoal e o segundo é a construção de uma dependência para a execução desse mister.

O primeiro caso está sendo examinado no Congresso, em projeto Lei, criando o quadro do Pessoal, e não se tem notícia, até agora, da sua aprovação.

O segundo caso espera ter uma solução adequada, com a construção que se está procedendo do seu "Pavilhão da Indústria", pela Companhia "Serto", a cargo do Engº José Maria de Oliveira Vilela, residente no Rio de Janeiro.

Rebora seja este, dos três núcleos componentes da estrutura técnica desta Escola, o que mais necessita de servidores capacitados ao mister dos seus encargos, os trabalhos, nesse sentido, estão sendo feitos com certa presteza.

Tanto é assim que, já se acha concluída a instalação da seção de laticínio, onde os seus alunos acompanham, de perto, a fabricação de queijo e manteiga.

Também está sendo feita com todo rigor técnico a seleção de vacas leiteiras das raças Guernsey e Holandesa, de sorte que, com menor número de cabeças, seja possível produzir tais produtos em quantidade e qualidade muito apreciáveis.

O controle leiteiro, inauguração do seu Núcleo Zootécnico, também está sendo feito com o mais vivo interesse.

Já está, também, instalado o Aviário desta Escola com a criação de aves das raças Leghorn, Rhode Island e New-Hampshire.

A criação tem corrido a contento e o interesse despertado tanto pelas que visitam esta Escola, como, também dos seus alunos, que se tratam com grande carinho e de modo animador para o futuro da exploração avícola desta região.

Esse interesse, aliás, pela exploração de avicultura, encontra sua justificativa na luta pela própria subsistência das classes menos favorecidas de recursos, sabido como é que o alimento chamado dos pobres - carne de vaca - custa hoje em Urutai ou Goiânia CR\$ 120,00 o quilo.

Além disso, a criação de aves não exige o emprego de capital vultoso, como sucede com a de animais de grande porte, o que a torna uma "distração rendosa ao alcance de todos".

Dai a expansão desta Escola em difundir entre os seus alunos os meios e processos racionais da exploração avícola.

Outra iniciativa do Núcleo Industrial desta Escola que vem apresentando ótimo resultado, é a que se refere à produção de doces tais como, goiabada, marmelada, pêssegada e banana da.

Tanto é assim que, em uma área junto a sede desta Escola continua sendo feita a plantio dessas árvores frutíferas, em um total de 5.000 pés, algumas já com produção para o fabrico de doces não só para o consumo dos seus alunos, como, ainda, servindo de meios para ensina-las e preparo de tão útil gênero de alimentação.

Como se vê do exposto, vai, finalmente, o Núcleo Industrial desta Escola cumprindo a sua dupla atividade, que é, como se sabe, produzir e ensinar em um só tempo.

HORTICULTURA

Vai esta Escola, pouco a pouco, formando novas fontes de produção e de ensino prático, de uma só vez, para fins utilitários dos seus alunos.

Além das iniciativas já finalizadas em relatório anterior, toma vulto, agora, a sua produção de hortaliças.

Tal é, realmente, a sua importância, quer como alimento, quer como fator de ensino prático, que esta Escola não poderia

Meixar, como de fato não deixou, de incluir nas suas cogitações o problema da exploração hortícola.

E assim é que, escolhido o local adequado, junto à caixa d'água que abastece a sua sede, foi, desde logo, iniciado o trabalho de preparo do terreno, distribuição de adubo e meios de irrigação.

A escolha do local, não podia ter sido melhor, pois atende, em um só tempo, o problema da irrigação com as sobras da caixa d'água acima aludida, e a facilidade de entrega, pela manhã, de legumes destinados ao consumo da Escola.

Com o crescimento rápido, porém, da produção de hortaliça e o aumento, por outro lado, do seu consumo, com o ingresso de novos alunos, houve necessidade de alterar o sistema de irrigação, pois a sobra da caixa d'água já não era mais suficiente para atendê-lo.

Foi aberto, então, uma cisterna de 2 metros de diâmetro e 20 de profundidade, que, adaptada a uma bomba elétrica, supri com larga sobra a escassez de água prevista para época de estiagem.

Com esse melhoramento, ficou esta Escola em condições de produzir hortaliça em quantidade necessária ao seu consumo diário.

O mesmo grupo de alunos, que acompanha e pratica atividades hortícolas, é o que, horas depois, faz refeição com produtos colhidos pela sua própria mão e cultivados sob suas vistas diariamente.

Tal era a situação dos trabalhos hortícolas desta Escola no ano anterior ao deste Relatório, e hoje nada mais se fez nesse sentido devido a escassez de recursos, humano e material, com que vem lutando este estabelecimento para atender as necessidades não só desta fonte de produção, como de todas as outras componentes da sua organização.

O anexo nº 1 esclarece melhor o assunto.

AGROSTOLOGIA

Uma Escola Agrícola, no Estado de Goiás, ficou assinalado em relatório anterior, com um Núcleo Zootécnico, tem, forçosamente, necessidade de fixar sua atenção para o problema numero um do criador goiano, que, é a alimentação do gado.

Na ordem de distribuição das atividades do Ministério da Agricultura, este problema é da alçada do Departamento Nacional da Prevenção Animal, como também é da Defesa Sanitária Animal, que considera o problema nº 401 da pecuária goiana.

Sem boa alimentação nada poderá fazer a zootécnia, pois os seus processos de melhoramento da espécie são feitos, de um modo geral, "pela bôca".

O mesmo sucede com a saúde sanitária dos rebanhos, pois a veterinária, quando exercida por profissional eficiente, evita a propagação da doença e a mortandade de bezerros, que é, no Estado de Goiás, superior a 30%.

Mas isso é uma questão estranha, que só a título de justificativa fiz alusão.

O que está em foco é o trabalho de agrostologia que o Núcleo Zootécnico desta Escola vai promover para atender o seu plantel de animais de raças finas, e fornecer, ao mesmo tempo, instruções e mudas de plantas forrageiras aos criadores interessados no assunto.

E não é só isso.

Os alunos desta Escola, filhos de criadores, vão acompanhar todo esse trabalho, com caderno e lápis na mão, tomando notas e colhendo observações para, na volta às suas propriedades rurais, esclarecer aos seus familiares a vantagem econômica da agrostologia bem dirigida.

Por essa ocasião, os seus familiares certamente criadores de bovinos, serão informados, por exemplo, que uma das finalidades da agrostologia, "é realizar através o melhoramento crescente dos bovinos, para corte, e das raças leiteiras, com bôas pastagens e formação dos prados para corte, e manutenção de maior número de cabeças em superfícies mais reduzidas".

E foi assim animada que esta Escola procurou entrar em contacto com o Dr. Jorge Ranzo Otáro, da D. F. P. A., grande conhecedor da especialidade em causa, que não só remeteu a este educandário amostras de sementes de plantas forrageiras, como ainda instruções a respeito do seu plantio.

Com esses elementos e com outros que já dispunha esta Escola, teve inicio, então o trabalho de agrostologia, tal como havia sido projetado.

Ficou, assim, distribuída a área destinada ao aludido plantio

A

GRANÍFERAS

- 1 - Capim Colonial (var. comum)
- 2 - " " " de Tanganica
- 3 - " " " var. "Deodoro"
- 4 - " " " sul - africana
- 5 - " Gamba
- 6 - " Buffel
- 7 - " de Rhodes
- 8 - Adlay
- 9 - Sorgo "Poterita"
- 10 - Capim "Sempre-verde"
- 11 - Tencinto

B

LHUMERÍFERAS

- 1 - Quandá (preta)
- 2 - Enfeira tropical
- 3 - Jetirana
- 4 - Cunha
- 5 - Soja var. "Santa Bárbara"
- 6 - Barmalada de cavalo
- 7 - Amil de Jasmim
- 8 - Peijão do porco

- 9 - Mucuna raiada
- 10 - Cow-pea
- 11 - Laba-laba (sementes raiadas)
- 12 - Mucululá (sementes brancas)

2

Cultura de Alfafa

A germinação dessas sementes foi a melhor possível, e tudo indica que melhor ainda será a sua produção para suprir a deficiência de pastos na próxima época de estiagem.

Algumas dessas gramíneas, como o capim "Sempre-Verde", resiste a estiagem por mais prolongada que seja.

Dai o propósito em que se acha esta Escola de intensificar o seu plantio como meio de evitar grandes despesas com aquisição de forragem para alimentar o seu plantel de gado leiteiro.

Tais detalhes, finalmente, serão objeto de estudo dos alunos desta Escola no decorrer do próximo ano letivo, nas aulas da disciplina "Criação de Animais Domésticos", como dispõe o art. 3º do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 38.042, de 10 de outubro de 1955.

Tal como havia sido previsto, em anos anteriores, o resultado dos trabalhos de Agrostologia desta Escola excede, de muito, o que se esperava.

Tanto as gramíneas, como as leguminosas, estão resistindo bem a estiagem e desportando, por isso mesmo, vivo interesse dos criadores que visitam esta Escola em busca de sementes e mudas dessas plantas forrageiras, bem como saber, antes de tudo, como cultivá-las nas suas propriedades rurais.

A própria Alfafa, inteiramente desconhecida neste região pela impropriedade das suas terras, vai, com admiração de todos, suportando várias cortes, graças aos processos de adubação empregados por esta Escola.

E, com isso, os alunos desta Escola, filhos de criadores e agricultores, na sua maioria, vêm aumentando, também os seus conhecimentos, através de observações colinhas no trato real desse pôpli-

tante assunto.

As que ficou exposto linhas acima, deve ser acrescentado, tão somente, que os trabalhos de agrostologia desta Escola, estão despertando entre fazendeiros vivo interesse na melhoria dos campos de pastagem de suas propriedade rurais, e que, se este educandário ainda não levou o assunto do terreno experimental para o da realidade, é porque ainda não foi atendido o seu insistente pedido de fornecimento de um trator, um caminhão e recurso para contratar trabalhadores, com o que nada poderá ser feito, nesse sentido, com presteza e economia, na formulação de prados recomendados pela Agrostologia.

PRODUÇÃO

A produção desta Escola, nos três Edifícios componentes da sua estrutura técnica, continua sendo pequena, devendo, em primeiro lugar ao seu número reduzido de servidores, 11 apenas, e em segundo a falta de maquinismo adequado ao emprego de suas várias atividades.

O assunto já foi tratado com minúscula em Relatório anterior, mas tal é a sua importância que convém repeti-lo:

Uma Escola Agrícola, dispondo de terras para cultura, como esta Escola, tem, forçosamente, obrigação de produzir gêneros alimentícios para, no mínimo possível, atender a sua própria manutenção.

Não tem produção, não é Escola Agrícola ou se é não dispõe de meios para fazê-la.

Falta tudo: trabalhadores, trator, máquinas agrícolas, caminhão para transporte, recursos para custeio de empreitadas, tarefas, etc.

Está, então, justificada a sua inércia e isento de responsabilidade o seu dirigente.

Tal é essa a situação desta Escola no que diz respeito a sua pequena produção agrícola.

O anexo nº 1, esclarece, contudo o assunto.

CONTROLE LEITEIRO

A produção de leite desta Escola continua sendo consumida pelos seus alunos e servidores.

O excedente desse consumo é aplicado, a título de ensino, na fabricação de queijos e manteiga pelos próprios alunos.

É no momento, 11 cabeças o número desses animais.

Não obstante isso, a produção de leite vai atendendo o consumo diário da Escola, deixando, ainda, algum excedente para ser empregado em atividades referente à indústria de laticínio, ora já iniciada por este educandário.

É de se esperar, contudo, que este ano a produção de leite seja aumentada, pois foram adquiridas estão em espera de produzir novas vacas das raças Guernsey e Holandesa de alta produtividade leiteira.

Com o acréscimo dessas novas vacas, cuja qualidade leiteira é indiscutível, como se verifica no Controle leiteiro anexo a este Relatório, fica esta Escola em condições de atender, em um só tempo, o seu consumo e a formação técnica dos seus alunos em matéria de indústria de laticínio.

O anexo nº 2 esclarece melhor o assunto.

RENDA

Continua sendo cédo para esta Escola produzir renda, pelo simples fato de ainda não dispor de excedentes para venda.

O pouco que produz, pois a produção depende da fonte produtora, que é, neste caso, representada pela terra, máquina e braço humano, elementos esses que esta Escola conta com quantidade muito reduzida, é consumida pelas suas necessidades internas.

É de se esperar, e isso já foi assinalado em relatório anterior, que se esta Escola fôr dotada de trabalhadores em número suficiente, pois atualmente conta, apenas, com 11, dispor de terras de cultura as melhores possíveis, como realmente dispõe, a sua produção agrícola será superior, de muito, ao necessário ao seu consumo.

Nessa altura, então, os seus excedentes serão vendidos e as importâncias recebidas recolhidas, no prazo de 48 horas, à Coletoria Federal mais próxima, como determina o Código de Contabilidade Pública.

Foi justamente isso, o que ficou assinalado, em relatório anterior, desta Escola, a respeito do assunto.

Já não sucedeu o mesmo, porém, com relação ao ano findo, de vez que o Módeo Zootécnico desta Escola, procedeu a venda de animais de sua criação, no valor de CR\$ 100.890,00, conforme as guias de recolhimento de renda anexas ao Relatório anterior.

No exercício, porém, de 1960, também houve venda de animais de produção desta Escola.

Trata-se de 28 casais de suínos, da raça Duroc-Jersey, vendidos a 28 fazendeiros registrados no Ministério da Agricultura, a título de fomento de produção animal, cuja importância de CR\$ 28.620,00 foi recolhida à Coletoria Federal, conforme guia de recolhimento de venda anexa ao presente Relatório.

INVESTIMENTOS

Não foi distribuído crédito, este ano, para atender despesas com melhoramentos.

No ano a que se refere o Relatório anterior foi elaborado um orçamento no importânciia de CR\$ 232.894,00 para atender despesas com reparos gerais na barragem, reservatório e rede hidráulica desta Escola.

O crédito, porém distribuído a conta da verba 4.0.00 - Investimentos - Consignação 4.1.03 - obras - sub-consignação 4.1.04 - Reparações e bens imóveis, foi, apenas, de CR\$ 170.000,00.

Não obstante isso, o trabalho previsto no orçamento em causa foi executado, graças, naturalmente, à boa aplicação de dinheiro público e os recursos material e pessoal desta Escola.

OFICINAS

Com relação aos trabalhos de oficinas desta Escola, tudo contínua sem solução desde 1955.

Embora se trate de um dos setores deste educandário que ma-

ior soma de serviço pode prestar tanto em benefício da própria Escola, como ainda para o aperfeiçoamento profissional dos seus alunos, o assunto aguarda, ainda, solução adequada.

Em Relatório anterior já foi detalhadamente exposto esse mesmo assunto, nas termos seguintes:

Os trabalhos de oficinas desta Escola, conquanto sejam de importância capital, como já ficou dito em relatório anterior, para as atividades rurais, não estão atendendo, ainda, as exigências tanto do ensino como dos trabalhos de rotina visados por este educandário.

Quando assumi o cargo de onde vos falo, afirmei em outra oportunidade, já não se achavam mais na Fazenda Modelo de Criação de Urutai, hoje sede desta Escola, as máquinas e as ferramentas das oficinas de carpintaria, ferraria e serralaria, ali, até então, existentes.

Agora, para restabelecer essas oficinas, como dispõe o art. 5º da Lei Orgânica da União Agrícola, é o que preocupa a administração desta Escola.

Para, restabelecer, porém essas oficinas, necessário se torna, o aumento da sub-consignação 4.2.71 - Máquinas, motores, etc., destinada a esta Escola, que foi, no exercício de 1956, de CR\$ 50.000,00, importância essa, aliás, que deixou de ser empenhada diante do pleno de economia do Governo, e que, mais tarde, embora liberado, faltou tempo hábil para aplicá-la.

O mesmo ocorre com a sub-consignação 1.4.24 - Ferramentas, etc., também destinada a esta Escola, na importância de CR\$20.000,00, que deve ser aumentada, e que, pelo motivo da sub-consignação anterior, ficou, igualmente, sem aplicação.

Com estas provisões e com algum recurso, ainda, desta Escola, estou certo que se poderá restabelecer, sem dúvida, as oficinas em causa, que tanto falta já estão fazendo para os serviços desta Escola, e tão necessários à preparação profissional dos seus alunos.

Como se vê da transcrição acima, já esta Escola, em 1955, sentiu a necessidade de restabelecimento, quanto antes possível, das oficinas retiradas da extinta Fazenda da Criação de Urutai, que, por força do Art. 3º da Lei nº 1923, de 28 de julho de 1953, publicada no Diário Oficial de 31 do mês de ano acima citados, já estavam incorporadas ao patrimônio deste educandário.

No exercício, porém, a que se refere o presente Relatório essa Superintendência houve por bem conceder a esta Escola os créditos, aumentados, de CR\$50.000,00 a CR\$30.000,00 para atender despesas com aquisição, respectivamente, de máquinas e ferramentas para inicio da restauração das oficinas em causa.

A importância dos créditos não era muito, diante do vulto de despesa que se tinha em vista, mas já chegava, pelo menos, para iniciar os trabalhos de aludida restauração.

Nessa altura, porém, vêm a dedução percentual de 30% e reduz esses créditos a CR\$30.000,00 a CR\$21.000,00, respectivamente, agravando, assim, a situação econômica da obra já delineada.

Com a dedução percentual viva, também, o regime de fundão-cimo e a chegada dos aludidos créditos à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado de Grácia, Goiânia, vencendo em fins de setembro do ano financeiro de 1957.

As consignações, por outro lado, 4.2.00 e 1.4.00 são as que regulam a aplicação de tais créditos, que, como material permanente, estão sujeitos a escrituração especial e a coléta de preços para movimentá-los.

Como poderia assim, esta Escola adquirir máquinas e motores, mediante coléta de preços, com créditos tão reduzidos, em regime de fundão-cimo, sabido como é que tais colétas de preços só são válidas até 30 dias da data da sua realização?

Por todos esses razões, e para evitar compras de ultima hora, a como, "gastar para não receber", esta Escola achoou prudente não aplicar os créditos acima citados.

As suas oficinas continuam a profusir aquilo que for possível e, no corrente exercício, se houver créditos, poderão ser melhoradas com os inconvenientes de astrepolos de fim de ano".

O que o assunto requer, finalmente, para a sua solução, é o aumento do crédito da verba 1.0.00, Consignação 1.4.00, Sub-Consignação 1.4.04, para custeio da instalação das oficinas em causa, e que tal crédito não seja colocado à disposição desta Escola, na Delegacia Fiscal, neste Estado, em outubro ou novembro, como vem acontecendo, quando não há por isso mesmo, mais tempo para proceder coléta de preços, requisição de adiantamentos, escolha e aquisição, não só por se tratar de material permanente, como ainda pelo fato da Delegação do Tribunal de Contas no Estado de Goiás, não encerrar contas, para efeito de pagamento, além do dia 15 de dezembro, de cada exercício financeiro.

No exercício financeiro de que trata este Relatório, esta Escola foi informada no Tribunal de Contas neste Estado, no dia 10 - 11 - 60, da existência em crédito R\$ 70.000,00 em favor desta Escola, e destinado à aquisição de "Ferramentas e Utensílios".

Esse crédito também não foi aplicado pela razão acima citada. E é, realmente esse o maior empecilho que esta Escola tem encontrando para aplicar os créditos destinados à sua manutenção.

Já o Dr. Henrique Braga Rodrigues, técnico da Educação Rural, dessa Superintendência, na página 25 de sua monografia intitulada "Aspectos do Ensino Agrícola no Brasil", examinou, com muito acerto, o assunto.

Almoxarifado

O Almoxarifado desta Escola, está aqui instalado em um compartimento acanhado e inadequado, no prédio central de sua sede, está, agora, organizado em uma sala isolada e ampla, entre as salas de aula e refeitório, o que facilita muito o atendimento de requisição de material e de gêneros alimentícios.

A sua escrituração, porém, está necessitando de um almoxarife capacitado para organiza-la.

Com a criação, contudo, do seu quadro de pessoal, projetado para este ano, essa deficiência de trabalho será, certamente, superada.

Ainda não foi, porém, até agora, levado a efeito essa tão almejada medida.

FARMÁCIA

Continua sendo melhorada as condições da Farmácia desta Escola, tanto em instalação como no aumento do estoque.

No ano passado foi alocada de 24 metros de prateleira de madeira de lei.

No período a que se refere o presente Relatório, sofreu uma limpeza geral e teve o seu estoque de medicamentos aumentados com produtos adquiridos com crédito desta Escola e vindos, diretamente, dessa Superintendência.

Está, assim, preparada para atender a sua dupla finalidade, isto é, o exercício de medicina e de veterinária.

CONSULTÓRIO MÉDICO

O Consultório Médico desta Escola foi instalado com material recebido dessa Superintendência em ótimo estado de conservação.

A sua situação, de frente à Farmácia, vem facilitar, no futuro, as atividades conjuntas do médico e do farmacêutico.

Já tem sido utilizado, na falta de médico desta educandaria pelo Dr. Estevão José de Souza, médico oficial, residente em Ipameri, neste Estado, quando chamado a prestar serviço a esta Escola.

SALÁRIO DENTÍSTICO

Neste o desenhoção do sistema de assistência escolar - médico, farmácia e dentista - que esta Escola ainda não teve a oportunidade de conseguir a sua instalação.

Em ofício nº 855, de 11 de maio de 1955, o Sr. Chefe da S. A. E. dessa Superintendência, comunicou a este educandário que a Escola Agrícola "Ildefonso Simões Lopes", havia cedido ao mesmo um "Gabinete Dentário" completo.

Como até agora essa medida, valiosa, sem dúvida, não chegou a esta Escola, nada mais foi possível fazer nesse sentido, pela falta, justamente, de crédito para aquisição de tão útil meio de assistência escolar.

ESTADO SANITÁRIO

É certo, sem dúvida nenhuma, o ponto alto de partida para instalação de qualquer iniciativa que envolva a reunião sobretudo de professores.

É justamente essa condição principal que o local em que se encontra instalada cette Escola não poderia ter sido melhor para instalação de um estabelecimento com ramificações em atividades rurais, pela proximidade de seu clima e pureza da sua água potável.

Assim é que, o estado sanitário desta Escola continua sendo o melhor possível.

Deste se que se refere à saúde dos servidores e de suas famílias, residentes na sua sede, como no que diz respeito à conservação do seu plantel de animais, nada ocorreu merecedor de registro.

Neste último caso, sucedeu durante todo o ano findo, a morte de 4 animais, apesar.

Na ocorrência, porém, o seu rebanho que era de 218 cabeças, elevou-se, hoje, a 270.

É digno de registro esse estado sanitário que desfruta cette Escola, com relação aos trabalhos zootécnicos, pelo fato deste educandário não contar com assistência de um veterinário, como, aliás, de técnico algum, a não ser o seu diretor.

Por todas essas razões, e porque cette Escola dispõe de terras excelentes para agricultura, considero a sua criação uma medida acertada.

ADMINISTRAÇÃO

ATIVIDADES E RECURSOS

Alunos Matriculados

Primeira Série

Iniciação Agrícola

25

Segunda Série

19

Cursos de Iniciação Agrícola

Alunos - Diplomados

13

Regime

Demi-internos

custo médio dos alunos

GRe 35.000,00

Custo médio da Ração

GRe 18,00

Quantidade das Rações

53.000

Unidades fadas

3.200

Crédito Dívida Pecuária

GRe 3.300.000,00

Crédito Dívida Fazenda

GRe 2.770.000,00

Saldo que Devolve

GRe 636.000,00

Total da Produção

Preço Móvelas

GRe 100.000,00

Créditos Novos

Não houve

Reparos em bens imóveis

Não houve

Renda Reservada

CR\$ 28.020,00

O saldo dos créditos distribuídos a esta Escola, no ano findo, CR\$ 618.000,00, é resultante, em parte, da rigorosa observância do plano de economia do Governo, e da economia de tempo, por outro lado, para movimentação de créditos, pois que, só em fins de novembro, de cada exercício, é que a Delegação do Tribunal de Contas e a Delegacia Fis- cal, ambas neste Estado, começam a proceder o registro de tais créditos.

O anexo nº 4 esclarece melhor o assunto

MATERIAL

O material, quer permanente, quer de consumo, adquirido por esta Escola ou enviado pelo Almoxarifado dessa Superintendência, atendeu, perfeitamente, as necessidades do serviço durante o ano findo.

Já não custa o mesmo com o material passado, isto é, máquinas, trator, caminhão, etc., que esta Escola tanto necessita para o desenvolvimento da sua produção agrícola.

PESSOAL

O pessoal desta Escola é o mesmo de abril de 1955, quando teve início a sua atividade.

É composto, apenas, de 11 extranumerários mensalistas e o seu diretor, único funcionário técnico.

Não obstante isso, os seus trabalhos estão sendo feitos com toda normalidade.

Urge, contudo, uma providência do poder público, dotando-a

de um quadro de pessoal administrativo, técnico e docente, o quanto antes possível.

CONCLUSÃO

Tais são, Sr. Superintendente, as informações e os esclarecimentos que se me afiguraram indispensáveis no julgamento do presente Relatório.

Reconheço a existência de faltas ou mesmo de deficiência dos trabalhos ora submetidos ao vosso esclarecido exame, mas estou certo, também, que isso não escapará do vosso espírito atilado sem a ressalva da falta de pessoal com que ven lutando esta Escola desde 1955.

Escola Agrícola de Brusque, 14 de janeiro de 1961

G. C. Pereira da Rocha
P. H. Pereira da Rocha
Dirigente

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
 ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAÍ
 ESTADO DE GOIÁS
 BOLETIM DE PRODUÇÃO

1960

Nº da Orden	Espécie	Quantidade	Valor unitário	Valor da produção	Observações
1	Milho	1.200 sacas	125,00	150.000,00	
2	Açores	48 sacos	500,00	24.000,00	
3	Pedra Branca	50 "	1.200,00	60.000,00	
4	Cana	10.000 quilos	2,00	20.000,00	
5	Batata	4.000 "	2,00	8.000,00	
6	Mandioxa	5.000 "	2,00	10.000,00	
7	Leite-sol	1.932 "	10,00	19.920,00	
8	Mortalha	10.000 "	5,00	50.000,00	
9	Soja	7.500 "	10,00	75.000,00	
10	Leite	32.706 "	10,00	327.060,00	
11	Leitões	1.491 "	20,00	28.020,00	
				<u>809.000,00</u>	
					A produção de cereais a que se refere este Boletim foi, realmente, pequena, na "Pedra Branca", Núcleo Agrícola da Escola, por falta, justamente, de um trator e de trabalhadores para prestar serviços destacados, ali, que fica distante 4 quilômetros da sede.
					A produção de leite, por sua vez, também foi pequena, pois no momento, só dispõe a Escola de 11 vacas com crias.
					O excedente, por isso, de leite foi todo consumido na própria Escola e por seus servidores.
					A venda de leitões, por outro lado, da raça Duroc-Jersey, foi feita sómente a fazendeiros registrados no Ministério da Agricultura, a título do fomento animal, ao preço de Cr\$ 20,00 o quilo, segundo tabela em vigor na Inspeção Regional de Fomento Animal, desse Ministério, em Goiânia, Estado de Goiás.

Urutai, 31 de dezembro de 1960

Fernando Pereira da Silva
Mensalista, nº 19

V. isto,

J. Pachá
Diretor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 SUPERINTENDÊNCIA DE ESTADO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
 ESTADO AGRÍCOLA DE URUTAI
 ESTADO DE MÉS
 CONTROLE LESTEIRO

1960

Nº de Ordem	Raça	Nome	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Produção	Média
1	Beestiga Guernsey	Salma	220	230	220	220	250	300	1.440	8.000
2	Beestiga Guernsey	Tubarana	382	383	384	385	386	387	2.377	12.800
3	Beestiga Holandesa	Siracusa	270	260	278	279	300	320	1.777	9.400
4	Beestiga Holandesa	Rosaria	300	312	308	306	307	300	2.023	11.200
5	Beestiga Guernsey	Atalaia	300	305	308	309	307	300	2.029	11.200
6	Beestiga Guernsey	Anapolina	155	157	200	250	360	350	1.472	8.100
7	Beestiga Guernsey	Repetiba	175	180	960	102	150	-	1.567	14.400
8	Beestiga Guernsey	Rialino	360	321	495	450	495	540	2.662	14.700
9	Beestiga Guernsey	Ures de Urutai	160	68	75	80	95	100	476	2.600
10	Beestiga Guerne	Cereleira	30	33	39	36	62	42	247	1.300
11	Beestiga Guernsey	Balanga	60	62	63	69	70	90	414	2.300

Escola Agrícola de Urutai, 31 de Dezembro de 1960

Teodomiro Paixão da Silva
 Conselista, ref. 18

V I S T O,

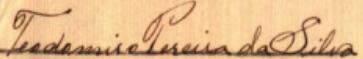
F. M. D.
 Diretor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E ESTERIÁRIO
 ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAÍ
 ESTADO DE GOIÁS

Relação dos animais existentes em 31 de dezembro de 1960

Bovinos	Macho	Fêmeas	Equinos	Macho	Fêmeas	Muares	Macho	Fêmeas	Botos	Macho	Fêmeas	Observações
43	46			10	12	-	-	2		77	120	Resumo: <u>Bovinos</u> 89 <u>Equinos</u> 22 <u>Muares</u> 2 <u>Botos</u> 157 <u>Total</u> 270

Urutáí, 31 de dezembro de 1960


 Teodoro Puccia da Silva
 Monografista, ref. 16

Visto,

Z. Reba

Reitor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO MERCADO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
ESCOLA AGRÍCOLA DE GOIÁS
ESTADO DE GOIÁS

Crédito Membraida

Salidação

Material de consumo

Verba 1.3.00 - ...

Consignação 1.3.00 -

Sub-consignação 1.3.02 - Artigos de expediente, etc.	Opç	80.000,00	Empenho 5 - 2- 8-60 Crç	80.000,00
Sub-consignação 1.3.03 - Material de limpeza, etc.	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.3.04 - Combustíveis e lubrificantes Crç		180.000,00	Empenho 4 - 2- 8-60 Crç	180.000,00
Sub-consignação 1.3.05 - Material e essências, etc.	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.3.07 - Forragens e outros alimentos Crç		150.000,00	Empenho 6 - 2- 8-60 Crç	150.000,00
Sub-consignação 1.3.08 - Ótimos de alimentação, etc. Crç		950.000,00	Empenho 7 - 2- 8-60 Crç	950.000,00
Sub-consignação 1.3.10 - Matériais primas, etc.	Opç	420.000,00	Empenho 11 - 10-10-60 Crç	420.000,00
Sub-consignação 1.3.11 - Produtos químicos, etc.	Opç	160.000,00	Empenho 9 - 26- 8-60 Crç	160.000,00
Sub-consignação 1.3.13 - Vestuários, etc.	Opç	20.000,00	Empenho 8 - 13- 8-60 Crç	200.000,00
Sub-consignação 1.3.15 - Materiais para acondicioname-				
nto, etc.	Opç	10.000,00		
Total da Consignação 1.3.00 Crç		2.350.000,00		

Consignação 1.4.00 - Material permanente

Sub-consignação 1.4.01 - Animais destinados à traç-

balho, etc.

Sub-consignação 1.4.04 - Ferramentas e utensílios	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.4.09 - Utensílios de corte, etc.	Opç	70.000,00		
Sub-consignação 1.4.09 - Utensílios de corte, etc.	Opç	80.000,00		
Sub-consignação 1.4.12 - Mobiliário em geral	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.4.11 - Modelos e utensílios	Opç	50.000,00		
Total da Consignação 1.4.00	Opç	290.000,00		

Consignação 1.5.00 - Serviços de Terceiros

Sub-consignação 1.5.01 - Aluguelamento, etc.	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.5.04 - Iluminação, etc.	Opç	50.000,00	Empenho 2 - 31- 3-60 Crç	50.000,00
Sub-consignação 1.5.02 - Forragens, etc.	Opç	50.000,00	Empenho 1 - 31- 3-60 Crç	50.000,00
Sub-consignação 1.5.03 - Serviços de esgoto, etc. ..	Opç	20.000,00		
Sub-consignação 1.5.06 - Reparo, adaptações, etc.	Opç	50.000,00		
Sub-consignação 1.5.07 - Publicações, etc.	Opç	10.000,00		
Sub-consignação 1.5.08 - Serviços clínicos, etc.	Opç	70.000,00	Empenho 3 - 2- 8-60 Crç	70.000,00
Sub-consignação 1.5.12 - Telefone, etc.	Opç	8.000,00		
Total da Consignação 1.5.00	Opç	268.000,00		

Consignação 1.6.00 - Encargos diversos

Sub-consignação 1.6.13 - Serviços odontológicos e cul-

turais

1) Honorários, etc.	Opç	480.000,00	Empenho 10 - 10-10-60 Crç	480.000,00
Total da Consignação 1.6.00		4.380.000,00		2.770.000,00

Soma total das verbas	<u>Gr^o 3.386.000,00</u>	Total da aplicação	<u>Gr^o 2.770.000,00</u>
Saldo que reverte	<u>Gr^o 616.000,00</u>		

Escola Agrícola de Brufai, 31 de dezembro de 1960

Federico Pessina da Silva
Mensalista, ref. 18

Visto,

J. P. Ribeiro

Diretor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAI
ESTADO DE GOIÁS

Relação dos funcionários que exercem função gratificada

Diretor - F. H. Pereira da Recha - FG 3

Chefe do Núcleo Zootecnico - FG 5 Vago

" " " Agrícola - FG 5 "

" " " Industrial - FG 5 "

" da Turma de Administração - FG 6 "

Fábio Henrique Pereira da Silva

Mensalista, ref. 18

V I S T O,


F. H. Pereira da Silva

Diretor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO INSTITUTO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO

ESTOLA AGRÍCOLA DE URUTAI

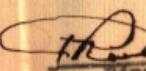
Estado de Goiás

Relação dos Professores-horistas

Nº da Ordem	Nomes	Títulos		Disciplinas
1	Manoel Luís Alves	Bacharel em Direito		Português História G. do Brasil
2	José da Costa Junior	Bacharel em Ciências Contábeis		Matemática
3	Raymundo José Berilio	Químico		Geografia G. do Brasil e Práticas
4	Tagner Ulysses Costa Netto de Souza	Farmacêutico Engenheiro Agrônomo		Ciências Naturais Agricultura e Desenho Técnico

VISTO,

Tecônico Péricles da Silva
Bencalista, ref. 18

Dir. tor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
 ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAI
 ESTADO DE GOIÁS

Relação de pessoal extranumerário mensalista servindo nesta Escola

Nº de Ordem	Nome	Nível	Salário mensal	Observações
1	João Costa	9	CR\$ 17.000,00	T. E.
2	Teodomiro Pereira da Silva	1	CR\$ 9.600,00	T. U.
3	Adélio Ribeiro do Prado	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
4	Alfredo de Paula	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
5	João José Dourado	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
6	Mozart Porto	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
7	Rafael Marques	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
8	Domingos Antônio da Silva	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
9	José Gonçalves do Nascimento	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
10	Maurilio José de Oliveira	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
11	Silvio Borges	1	CR\$ 9.600,00	T. E.
				113.000,00

Teodomiro Pereira da Silva
Mensalista, ref. 18

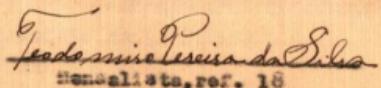
VISTO,

F. P. Ribeiro
Diretor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO AGRÍCOLA E VETERINÁRIO
ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAI
ESTADO DE GOIÁS

Relação dos mensalistas que recebem salário - família

Nº de Ordem	Nomes	Nível	Salário Família	Observações
1	José Costa	9	Crp	5.200,00
2	Teodomiro Moreira da Silva	1	Crp	10.400,00
3	Adélio Mibeiro do Prado	1	Crp	5.600,00
4	Alfredo de Paula	1	Crp	11.600,00
5	José José Bourrado	1	Crp	1.000,00
6	Nozart Porto	1	Crp	4.400,00
7	Rafael Marques	1	Crp	12.800,00
8	Domingos Antônio da Silva	1	Crp	9.200,00
9	José Gonçalves do Nascimento	1	Crp	5.600,00
10	Eurílio José de Oliveira	1	Crp	2.000,00
11	Milvio Borges	1	Crp	10.400,00
<u>76.200,00</u>				


 Teodoro Pires da Silva
 Mensalista, ref. 16

Visto,





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Exercício de 19~~60~~

GUIA DE RECEITA

CR\$ 28.020,00

Aos cofres da Coletoria Federal de Urutaf, Estado de Goiás, a
Escola Agrícola de Urutaf

vai, nesta data

(Pessoa ou agente que recolher o dinheiro)

recolher a importância de Cr\$ 28.020,00 (Vinte e oito mil e vinte cruzeiros) -----
(Valor total e espécie da quantia a ser recolhida)
nos) -----

proveniente de venda, diversos criadores, registrados no Ministério da
Agricultura, vinte e sete casses de suínos da raça Duroc-Jersey,
pesando o total de 2401 quilos, a razão de Cr\$ 20,00 o quilo, con-
forme recibos de venda nºs 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 -
10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 -
24 - 25 - 26 - 27 e 28, desta escola
que deverá ser levada à conta do art. 1º do Orçamento Geral da União,
(Título e capítulo do orçamento ou do balanço a que deverá ser levada a importância em causa
para o exercício de 1960, nºs 1...).

Ministério da Agricultura
Repartição Escola Agrícola de Urutaf

Urutaf, em 21 de dezembro de 19~~60~~

Ladislau Pereira da Silva
Assessista, ref. 18

VISTO

Guia da receita - DASP - Mod. 27



Tuceli
30-12-60
d/c



Art. 129 - Dec. 15.783 - Gráf. INGRA